

DIVALDO FRANCO

O Educador do Ano.



Academia Baiana de Educação

1

RECEPÇÃO DE DIVALDO FRANCO NA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO, COMO “EDUCADOR DO ANO”

Leda Jesuíno

Nas ágoras atenienses, cinco séculos antes de Cristo, um velho sábio, sempre acompanhado de jovens atrelados à sua extraordinária capacidade dialética e indiferente às reclamações de sua esposa Xantipa, tropeçava nas irregulares calçadas de Atenas, enquanto olhava as nuvens. Parecia pedir, aos céus, as respostas para suas elucubrações em torno dos problemas transcendentais que até hoje atormentam os homens reflexivos e profundos, não acomodados à superficialidade predominante nos diálogos do mundo contemporâneo. Era Sócrates.

Repetia, assim, o Ocidente, um comportamento oriental, ou seja, um hábito milenar no Oriente, onde os **rishis**, os **sadhus** e os **sanyasins** perambulavam pelas ruas com seus discípulos, em busca da solução dos grandes enigmas do coração e da inteligência humana, que tanto afligiram Jesus, Buda, Lao-tsé, Confúcio e, bem mais adiante no tempo, Ramakrisna, Yogananda, o grande Vivekananda, Krisnamurti e os renomados filósofos do Ocidente.

Quando Platão, aquele jovem e amado discípulo de Sócrates, decidiu sistematizar os seus conhecimentos e transmiti-

los formalmente, fundou a Academia Platônica nos jardins consagrados ao herói ateniense Academos, que era, na verdade, um bosque de oliveiras, às margens do rio Cephise. Transpôs, então, para a história, uma tradição que, até hoje, decorridos 25 séculos, mantém as Academias em prestigiosa situação em todas as culturas, porque elas floresceram guardando sempre o espírito com que o jovem Aristóteles iniciou suas atividades, congregando uma plêiade de intelectuais entregues ao debate e à especulação de problemas nas mais variadas atividades intelectuais da época, desde os aritméticos de Alexandria, Speusipus e Aristóteles, expondo seus trabalhos de história natural e de biologia, até Delius e Xenocrates, os principais orientadores do grande Alexandre. Tentava-se uma unidade intelectual sem o preconceito castrador, estando, a Academia, aberta ao debate amplo, o que a tornou viva por cerca de 250 anos, levando Cícero a pontuar a tendência geral de o pensamento ter sido sempre de uma simplicidade prática, permitindo que “os escritos e métodos contivessem todos os pensamentos do aprendizado liberal da história, que encampassem uma tal variedade de arte, sem cujo conhecimento, ninguém poderia empreender uma carreira nobre. A Academia continua sendo a oficina de trabalho de todos os artistas”¹.

Elas se multiplicaram, como ressalta Sextus Empiricus, conservando uma característica prática: a de nunca interpor-se ao discernimento individual, aprovar o mais provável, comparar opiniões diferentes, verificar o mais avançado em cada lado, mas deixar o julgamento livre, sem dogmatizar. E, exatamente

¹ Apud AZEVEDO, Demétrio Jonathas. Origem e evolução das Academias. In: ANAIS da Academia Nacional de Medicina. Rio de Janeiro, 1994. v.154, n.3, p.152.

por isso, se tornaram catalisadoras no processo de evolução do pensamento humano, congregando opiniões individuais e respeitando estes conhecimentos e opiniões na individualidade de cada um.

Na Academia Platônica ou Grega, como às vezes é denominada, superou-se o dogmatismo metafísico de Platão, cedendo lugar ao sincretismo ético, passando por várias fases, estimulando que novas academias fossem criadas, como a Academia Florentina onde pontificou Picolo de la Mirandola. Desde então, há cerca de 25 séculos, na área das Ciências, das Letras, das Artes, da Cultura, da Política e da Religião, congregaram-se as figuras mais representativas do mundo intelectual nas Academias, algumas muito famosas e mundialmente respeitadas, tornando-se, às vezes, órgãos consultivos das Nações.

Preservaram, através do tempo, a liberdade de pensamento, de especulação e de debate, alcançando uma posição altamente prestigiosa e procurando ser, continuamente, uma instituição a serviço da comunidade, aberta ao debate amplo.

Com essas características, elas atuam no panorama intelectual brasileiro, cumprindo sua missão cultural, “definindo e marcando os traços da cultura que deve vigor, a serviço da comunidade”, no dizer do acadêmico Raymundo Almeida Gouveia.²

Ninguém melhor do que o confrade tão ilustre quanto respeitado, o jornalista e professor Edivaldo Boaventura, para analisá-las e compreendê-las. No seu admirável discurso de posse na Academia Nacional de Educação, ele serpenteou os seus

² ANAIS da Academia de Medicina da Bahia. Salvador, jun.1979. v.2, p.275.

caminhos, desvendando-lhe os segredos, seus vários aspectos, suas sutilezas, sua realidade, com uma percepção que se torna cada vez mais aguçada e mais pronta para captar a essência dos fatos. Nesta oportunidade, considerou “o tempo acadêmico como o tempo que não faz parte da essência das coisas”.

É com este espírito aberto e desprovido de preconceitos que a Academia Baiana de Educação, preservando a tradição como as suas co-irmãs e cumprindo norma estatutária, extrapolando seus muros pela primeira vez e indo além de seus quadros, alcança a “Mansão do Caminho”, uma organização não governamental, situada em um dos bairros periféricos mais populosos de Salvador, para conferir o título de EDUCADOR DO ANO DE 1997 ao seu fundador, o professor Divaldo Pereira Franco, que atua na área da educação formal, informal e comunitária, não apenas em Pau da Lima, mas também nos auditórios do Brasil, do Canadá, da Suíça, de Paris, do Peru, da Bolívia, de Londres, da Itália, de New York ou de Tóquio.

Após conferir este honroso título a dois eméritos educadores, ambos atuantes na macroeducação, o acadêmico José Carlos Almeida, Magnífico Reitor da Universidade Católica do Salvador, e a professora Zilma Parente de Barros, que chegou a ocupar o alto cargo de Vice-presidente do Conselho Federal de Educação, esta Academia debruça-se, neste momento, sobre um dos mais complexos segmentos do panorama educacional, **a educação comunitária**, numa época em que ela toma forma mais definida, cor especial e valor mais específico em todo o mundo, como sinal dos tempos ou “espírito de época”, no dizer de Einstein. E, dentro da educação comunitária, vai buscar, fora dos seus

quadros e em uma das ONG's mais dinâmicas e organizadas que meus olhos críticos de assistente social puderam perceber, onde a fórmula de lares substitutos resistiu aos problemas que lhe são inerentes, e encontrar atuando numa obra que se reveste de peculiares características, todas elas adaptadas às necessidades da sua clientela, um educador ajustado ao perfil da sociedade contemporânea que se vem delineando nestas duas últimas décadas. É uma sociedade marcada por crises vitais que devem ser analisadas, além do enfoque sociopolítico, como uma crise ontológica “deflagrada no âmago existencial manifestando-se dramaticamente como carência aguda do ser desafiado por ameaça ou paralisado por perplexidade”.

Essa concepção, defendida por ilustre membro da Academia Nacional de Medicina, o nobre acadêmico Kaiser³, não pode e nem deve ser ignorada por qualquer educador na macro ou na microeducação, que, no momento, tenha como objetivo assumir a responsabilidade do que a educação se propõe, que é, sem dúvida, dar ao corpo e à alma tudo que podem receber, segundo Platão, para que possa o homem ser feliz – o supremo objetivo da vida.

A discussão do que seja felicidade, paz e amor com os jovens de hoje deve ser a grande tarefa do educador, porque de informações, exposições e explicitações, os recursos tecnológicos, sob a sua segura e sábia orientação, podem desincumbir-se a contento.

Senhores acadêmicos:

É provável que, ao fazer recair sobre mim, a designação para saudar, hoje, o professor Divaldo Franco, tenha

³ ANAIS da Academia Nacional de Medicina, jul./set. 1994. v.154, n.3, p.151.

o Dr. Jair Santos, ex-presidente desta Casa, cometido “um **erro generoso** ou um mero **acerto casual**”, no dizer do grande escritor Jorge Luís Borges. Erro ou acerto, consumado o fato, aceito a incumbência com o mesmo **élan** com que o fiz na oportunidade em que nossa querida confreira Zilma Barros foi agraciada.

Ao designar-me para homenagear o professor Divaldo Franco, concede-me a Academia a excelsa honra de enaltecer-lhe os méritos, com a plena convicção do justo título que o coloca no topo do quefazer educacional, honrando deste modo as suas raízes pedagógicas que estão no solo europeu com Pestalozzi e seu discípulo Allan Kardec, de quem hauriu o nosso homenageado toda a sua fundamentação teórica de modo informal, por seu próprio esforço e mérito pessoal.

Se o “preço da elevação é a responsabilidade”, a honra de saudar um orador de tão elevado porte, que “não confunde os fulgores da eloquência com os fulgores da loquacidade”, como disse mestre Calazans saudando Machado Netto na Academia de Letras da Bahia, torna-me responsável, nesta tarefa tão significativa quanto honrosa de destacar a figura singular de um educador que, atravessando o pórtico da educação formal e informal, onde atua com segurança e tranqüilidade, alcança mais além, penetrando no âmago do Ser Humano que o busca nas horas avançadas das noites de Pau da Lima, questionando a própria realidade da sua existência, na perplexidade do finito perante o infinito; um educador que, no Brasil, na Ásia, na Europa ou na América, não se está limitando a falar para platéias de cem ou duas mil pessoas com sua oratória, mas a educar, conscientizando o homem no **Dasein** de Heidegger, ou seja, o homem no seu estar no mundo, lançado na solidão

cósmica, oferecendo-lhe o Amor, “o peculiar antídoto da angústia”.

Assim, ele vem abrindo uma via com o apelo de todos os horizontes, no registro de todas as sensibilidades: na **sensibilidade religiosa** na profética palavra bíblica — “Ama ao teu próximo como a ti mesmo”; na **poética musical** de Scheller e Beethoven, anunciando a comunhão fraterna da humanidade; na **assertiva filosófica** de Nietzsche — “Eu te amo, eternidade”.

Ao cumprir o dever de fazer o destaque do professor Divaldo Franco, aceitando mais uma vez o conselho do meu particular amigo, professor Edivaldo Boaventura, “fujo das profundezas da Biografia e das sutilezas do Currículo”; sábio conselho, que me leva, neste momento, a apresentar o homem e a obra na sua admirável interação, onde se fortalecem ambos pela força imponderável da Fé e do Amor, dentro dos princípios filosóficos, pedagógicos e técnicos que regem a educação comunitária no mundo atual. Um mundo que sofre ao se deparar com a incorreta distribuição de riqueza no plano econômico, a violência no plano ético e, sobretudo, o desamor no plano filosófico, gerando os desequilíbrios no atendimento às demandas da educação, tão bem analisadas pelo acadêmico Edivaldo Boaventura.

Na contínua interação em que vivem, Divaldo Franco e a Mansão do Caminho realimentam-se e traduzem um empenho na construção de um mundo mais humano. Sem que seja preciso fragmentar o homem e a obra — nunca se percebe bem onde começa um e termina a outra, sendo ambos de identidade polifacetada —, podemos considerá-los desenvolvendo o básico princípio da educação comunitária, sem o assistencialismo

ultrapassado: a cooperação, o envolvimento e a participação comunitária. Este foi o princípio consagrado na III Conferência Internacional de Educação Comunitária, em Melbourne, Austrália, no ano de 1979, e reiterado na III Conferência Interamericana de Educação Comunitária, em Brasília, em 1980, onde se firmou o conceito fundamental de que “o processo deixa de ser solitário para se tornar solidário e a comunidade não se fortalece com a submissão mas com a capacitação”.

A Mansão do Caminho é um marco significativo na comunidade de Pau da Lima, bairro periférico de grande densidade populacional, cerca de 25km distante da área central de Salvador e bem próximo à penitenciária e ao aterro sanitário, ocupando uma área de 83 mil metros quadrados. Ali, os mais variados serviços estão instalados em 36 edificações nas quais se desenvolvem as atividades múltiplas que, quantitativa e qualitativamente, representam para Bahia uma obra educacional que tem levado seus governadores a expressivos pronunciamentos como o depoimento do Dr. Roberto Santos:

“Visitando a Instituição como temos feito em outras vezes, depois disso, pude testemunhar a excelente qualidade do trabalho que ali se realiza, num atendimento solidário e fraterno, oferecendo um ambiente sadio às crianças que, no seu começo de vida, não haviam sido favorecidas no meio social onde viviam. (...)

“Sente-se a liderança de Divaldo Franco que se colocou à frente de um conjunto de pessoas as quais se dedicam, com todo o coração, a essa obra. A inspiração de Divaldo, sem dúvida, é fundamental para o trabalho que ali se realiza. Ao lado

dele, estão muitas pessoas que perceberam que ali havia uma forma mais elevada de satisfação de suas aspirações mais íntimas.

“O clima que ali se vive se transmite aos que visitam essa instituição porque logo se percebe que há uma orientação superior, capaz de estreitar os laços de amizade entre as pessoas e fazer prevalecer o que há de mais nobre no coração e na inteligência dos homens e mulheres que ali convivem”⁴.

Esta Instituição que recebe sempre o entusiástico encômio dos políticos, dos intelectuais, dos sociólogos, dos assistentes sociais, dos juizes de menores, considerada “uma obra modelo e um exemplo para nosso país”⁵ e “uma das coisas mais notáveis que temos no Brasil, no campo social e espiritual”⁶ e que entra na agenda dos educadores como paradigma, se constitui de, aproximadamente, 40 unidades, todas elas impregnadas do carisma de seu líder, que se foram concretizando à medida que os indicadores comunitários se delinearam ao longo destes 50 anos de existência produtiva. Atendendo o recém-nascido e o idoso, a criança e o adulto, o sadio e o enfermo, o rico e o pobre, o analfabeto e o homem culto, sem qualquer discriminação cultural, ergue-se num espaço de uma beleza envolta em paz e serenidade, permitindo que sua estrutura física seja feita de construções diversificadas que não se amontoam e convidam os que lá trabalham a se movimentarem sem atropelos. Muito ao contrário, quotidianamente vivem todos entre pracinhas, jardins e avenidas

⁴ FERNANDES, Washington Luiz Nogueira. **Mansão do Caminho, 40 anos: uma história de amor na educação**. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 1992. p.78.

⁵ Do testemunho do Governador João Durval Carneiro, citado por Fernandes, op. cit., p.82.

⁶ Idem, testemunho do Governador Waldir Pires, p.87.

nominadas significativamente. Transitam pela Avenida da Luz, pelo Largo da Esperança, pela Alameda da Fé, pela Rua Allan Kardec, pela Travessa dos Miosótis, pelo Largo da Meditação, pela Morada do Sol, pela Praça da Fantasia, no mundo mágico infantil.

Nesse oceano de paz desenvolvem-se as atividades da educação formal, tais como: a Creche A Manjedoura, que atendeu, em 1998, 200 crianças em seis berçários, com uma equipe técnica interdisciplinar; a escola regular Jesus Cristo, que matriculou 1.116 alunos e recebeu da comunidade o diploma de Honra ao Mérito, na categoria de Escola Pública; o Jardim de Infância, com 300 alunos e que se chama Esperança, como não podia deixar de ser; a Escola Alvorada Nova com 265 alunos matriculados; a Escola Allan Kardec, com 216 alunos; as Bibliotecas, com 5.304 leitores, com um acervo de 8.380 livros; a Escola de Auxiliar de Enfermagem Irmã Scheila; as Escolas de Informática e de Datilografia Joana de Angelis, com 96 alunos.

Das escolas, vai a juventude da Mansão para as Oficinas profissionalizantes que se diversificam: marcenaria, panificadora, tapeçaria, sapataria, mecânica, costura, artes gráficas, olaria, serigrafia, artesanato.

Na educação informal, estão incluídas as atividades de educação espiritual e difusão cultural – Instituto de Pesquisas Psíquicas, Grupos de Estudo e Eventos, Livraria Espírita Alvorada Editora, Palestras, Cursos, Conferências, Círculo de Leitura Espírita...

E a Mansão se completa dentro da Educação Integral porque oferece, à comunidade, a Assistência Médica, Odontológica e Assistencial. O Centro Médico J. Carneiro de

Campos atendeu 8.244 pacientes, em ginecologia, clínica médica, homeopatia, pediatria e cardiologia. O pré-natal socorreu 828 gestantes, e 66 cirurgias plásticas foram realizadas. O Setor de Nutrição atendeu 2.966 pessoas e o Serviço de Enfermagem realizou 6.725 atendimentos. Em Puericultura, 200 pessoas foram atendidas. Com o Laboratório de Análises Clínicas e o Ambulatório Odontológico, o Centro Médico fez 55.521 atendimentos, mantendo cooperação técnica com a UFBA, dentro de projetos específicos.

Interagindo sempre com a UFBA, as Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde, de Educação e do Trabalho e Bem-Estar Social, das quais recebe professores e profissionais de Saúde, além de técnicos, conta, porém, com expressivo quadro de voluntários que para lá se dirigem, levando dentro de si o firme propósito de servir para evoluir.

Mas a educação comunitária informal vai além: instala-se na área de assistência social, para atender a pobreza e a miséria localizada em volta da Mansão, com atividades diversificadas, que se constituem em grupos de voluntários para o Serviço. O mais antigo deles é a “Caravana Auta de Souza”, com 50 longos anos de permanente trabalho de dar o pão e o amor e a orientação emergencial. Foram 7.250 cestas básicas distribuídas e 9.950 peças de roupas. São 383 pessoas cadastradas para assistência mais permanente, muitas delas portadoras de tuberculose, Aids, cegueira, paralisia e problemas da velhice.

A gestante é assistida pelo grupo chamado “Lar de Enxovais Meimei”, que a prepara para ser mãe com cursos teóricos e práticos, além de alguns programas educativos, tendo

distribuído, no ano de 1998, 20.519 peças para recém-nascidos.

Na área da profissionalização, são desenvolvidas ações pelo grupo “Casa da Cordialidade” que atendeu 1.035 pessoas com orientação sócio-familiar e proporcionou, a 86 jovens, cursos de costura, sapataria, serigrafia. Há também o “Grupo Ação Comunitária Lygia Banhos”, que atua além dos muros da Mansão e vai até os lares de Pau da Lima, para atender os idosos, enfermos, levando, com ações educativas através de palestras orientadoras, lazer, atendimento médico. Junta-se a esses grupos a Farmácia Comunitária que distribui, gratuitamente, medicamentos, mediante apresentação de receitas, e a Biblioteca comunitária.

Para sustentar este complexo sócio-educacional, as atividades administrativas precisam funcionar como pilares de sustentação: a cozinha geral (23.558 refeições), a lavanderia, o almoxarifado, o setor de pessoal (91 funcionários cadastrados) devem corresponder à expectativa das metas que a Mansão se propõe a atingir. E funcionam com recursos humanos e financeiros do Estado, do Brasil e do Exterior. Como todas as ONGs. Mas, como poucas ONGs, a Mansão do Caminho busca a auto-sustentação dentro das recomendações de todos os Conselhos de Assistência Social do País e enceta providências para se autofinanciar dentro de algum tempo, a fim de que fique assegurada a condição econômico-financeira. Embora conte com a venda das obras de Divaldo Franco, do artesanato, da lojinha e da cantina, e as doações e os subsídios governamentais, além das parcerias com outros órgãos, tenham, até então, sido fundamentais para sustentar o custo da Instituição, todo este esforço ainda significa preocupação com o seu futuro.

Por mais expressivos que sejam, esses números não significam a excelência da Instituição. O que a torna diferenciada é a dinâmica metodológica do seu trabalho, que reflete o comportamento do seu fundador e líder que a tendo fundado com a colaboração inestimável de Nilson de Souza Pereira, seu admirável **partner**, e um grupo de espíritas entusiastas, após um “**insight** espiritual”, vem, durante 50 anos, firmando-se como educador, através da sua administração, de resultados reconhecidos pela Bahia, por todo o Brasil e pelos países onde atua, levando com a sua palavra o seu ideal de construção de um mundo melhor.

Por mais significativo que seja, esse montante quantitativo não expressa a qualidade do desempenho de técnicos e voluntários que dinamizam e movimentam os 15 departamentos que estão à disposição da comunidade de Pau da Lima, desenvolvendo uma educação comunitária do mais alto nível dentro dos parâmetros atuais recomendados pela UNESCO, desde 1983, que prioriza a profissionalização do jovem como forma de evitar sua marginalização, causada pela distância entre o ensino regular e sua realidade social e cuja meta deverá ser capacitar as pessoas para que possam ter um padrão de vida mais digno e que estimule a “substituição de conferências sobre o desarmamento das nações por mudança do ‘estado de espírito’ dos jovens. E mais: uma mudança de prioridades nas escolas em favor da motivação. Um grande interesse ou uma paixão por uma atividade parece ser mais importante do que um alto grau de conhecimentos. Esta inversão de prioridades pode contribuir para maior concordância entre o interesse individual e o interesse da sociedade”⁷.

⁷ CANETTI, Marcel. O caminho das crianças. O Coreio da Unesco, ano 11, n.10, out.1980, p.13.

Todo este complexo educacional está sinergicamente orquestrado por um regente que conhece bem as partituras e se enfronha na harmoniosa música do Cosmos, aquela que eleva e enleva e pode revelar aos ouvidos que estão prontos para ouvir a Sinfonia do Amor Universal. Se, no enfoque social, o nosso grande educador está atento aos mais atuais destaques da educação comunitária, de promoção humana, no enfoque pedagógico, Divaldo Franco está embasado na linha direta de Pestalozzi e Kardec, seu discípulo que foi, até a Psicologia Contemporânea de Maslow, Assagioli e Rogers.

Na razão direta do desenvolvimento da sua obra, está a dinamização da vida do seu líder. Para que sua obra floresça, o seu labor assume a responsabilidade da educação informal, através da sua oratória, da sua pena e da sua orientação espiritual direta a milhares de pessoas no Brasil e em outros países, atuando como terapeuta. Nascido em Feira de Santana, como a padroeira da sua cidade, Senhora Santana, é um professor primário diplomado pela Escola Normal de Feira de Santana, com curso em datilografia, o instrumento com que, naquela época, o jovem pobre podia usar para conquistar um lugar ao sol. E ele o obteve em Salvador, como funcionário do IPASE, por concurso. Só que não era apenas um simples jovem do interior em busca de emprego na Capital.

Com o tempo, ele se revelou um homem singular, que se nutriu, ao longo dos anos, com a filosofia espiritualista na linha de Platão, Kant e Bergson, na pedagogia de Pestalozzi e Kardec, na psicologia de Maslow e Assagioli, na fé dos “terapeutas de Alexandria”, nos postulados da ciência atual de Bohn, Sheldrake e Hamkig, na metafísica espírita de Léon Denis e, sobretudo, no

Amor que Jesus pregou.

E o Amor Universal que Jesus pregou e ele assimilou, tem raiz egípcia e não latina, como possa parecer. Segundo o exímio cronista Affonso Romano de Sant'Anna⁸, os egípcios não usavam vogal:

“Eles escreviam amor com duas consoantes MR e pronunciavam *amo* ou *amer* e era representada por um hieroglifo singular – uma espécie de pá ou cavadeira de camponês abrindo a terra. Há um sentido agrário de fecundação cósmica. Amor era então como um ato de cultivar a terra. O fato de Amar implicava ação, investimento e sementeira, cavando e movendo a terra. E para grafar a palavra, os egípcios usavam seu alfabeto especial e não o popular, porque sabiam também que o amor é coisa para os iniciados”.

Como iniciado no Evangelho de Jesus desde pequenino, como coroinha ajudava as missas em Feira de Santana e vivenciava a fervorosa fé de sua família católica, Divaldo Franco envolve-se no Amor que impulsiona, vitaliza e constrói, que levou Max Marchan⁹, ao escrever o seu famoso livro **Hygiene affective de l'Éducateur**, a declarar que “o problema sentimental que se coloca para cada educador é o de encontrar em si mesmo as condições de um amor autêntico”.

E defende a afetividade como base angular do seu êxito profissional. E este amor levou Divaldo Franco a fazer da Mansão do Caminho um espaço de cantos, recantos e encantos pelas árvores que lá medram, pelas flores que lá florescem, pelas

⁸ SANT'ANNA, Affonso Romano de. Entre outras palavras, amor. **On Line**, p.47.

⁹ MARCHAN, Max. **A afetividade do educador**. Trad. de Maria Lúcia Barbanti. São Paulo: Summus, 1985. p.98.

crianças que lá crescem e se confundem com o verde das plantas e a esperança que mora nos corações dos homens e mulheres que lá trabalham, mas sobretudo pelo anseio de levar cada ser a sua transformação interna, não como um guru, mas como um verdadeiro mestre que nos leva a descobrir o nosso próprio mestre interior.

Foi também este amor à humanidade que o levou para fora dos muros de sua obra, para além das suas próprias raízes, atravessando as fronteiras do seu país para fundar os núcleos de trabalho e serviço espíritas. O seu **élan** por levar a quem desejar aqui, lá ou acolá, em qualquer parte do mundo, o que hauriu em suas leituras de um autêntico autodidata, o que absorveu com a sua aguçada perspicácia no seu quotidiano conviver com os problemas humanos mas, sobretudo, através da inspiração alentada como paranormal que é, com o mundo espiritual que o circunda e o eleva até onde sua capacidade de Ser pode suportar. E é neste amor que o homem e a obra estão envolvidos, estimulando ambos a nunca admitirem o medo de Ser.

Tendo realizado, ao longo dos anos, centenas de conferências, palestras, seminários, **workshops**, em 61 países da África, das três Américas, da Ásia, da Oceania e da Europa, em Câmaras Municipais, Assembléias Legislativas, Teatros, Cinemas, Organizações Maçônicas, Lions, Rotary Clubes e em Universidades como Sorbonne e Lion na França, na Duk University, nos Estados Unidos, Turabo e Arendó, em Porto Rico, dentre outras, teve a honra de, por várias vezes, falar na ONU, no Setor de Nova York e da Áustria (Viena), e no programa “Voz da América”, de Washington. E fez de sua palavra um dos mais valiosos

instrumentos do seu trabalho de educador, tornando-se, então, não simplesmente um orador sacro mas um tribuno consagrado através de demonstrações as mais expressivas.

Na sua obra, está evidente a influência filosófica educacional do grande educador que foi Pestalozzi e do seu amigo, aluno e seguidor, o pedagogo e professor Hippolyte Léon Denizar Rivail, que se notabilizou com o pseudônimo de Allan Kardec. Foi este o notável codificador do Espiritismo na Europa, que escreveu cerca de 20 obras sobre pedagogia e didática, algumas adotadas na Universidade de França e ainda dirigiu o Liceu Polimático, ensinando Fisiologia, Astrologia, Química, Física, Anatomia Comparada. Não se desligando intelectualmente do que pôde haurir em Iverdun com o grande Pestalozzi, adotou os princípios básicos que o tornaram sempre próximo, em contato íntimo com seus alunos, vivendo na prática as teorias que o mestre e amigo desenvolveu, ao enunciar a validade das suas concepções pedagógicas. Ninguém melhor que Paul Natorp¹⁰ para explicitar estes princípios no seu alentado livro **Pestalozzi, sua vida e seus ideais**, sobre o qual me debrucei, aos vinte anos, para escrever um artigo na célebre revista dos estudantes, **Presença**, que foi tão atuante na década de 40.

Estes os grandes princípios de Pestalozzi que, nos textos pedagógicos de Kardec, se encontram tão presentes e, em linha direta, como é natural, na mente de Divaldo Franco e no coração da Mansão do Caminho:

¹⁰ NATORP, Paul. **Pestalozzi, sua vida e suas idéias**. Trad. de Luiz S. Sarto. Barcelona/Buenos Aires:Editorial

- princípio da **espontaneidade** – a educação deve ser uma ajuda para a própria ajuda;
- princípio da **autonomia** – o homem se forma de acordo com as próprias leis de sua essência; a criança deve atuar e achar por si só tudo quanto seja possível;
- princípio do **equilíbrio de forças**, ou seja, primeiro iluminar o interior para que seja claro o exterior.

Fica evidente a relevante importância da educação do caráter, e a prioridade dada a uma visão axiológica da formação do cidadão, através do constante convívio, quando a presença do exemplo é o condutor do processo ensino-aprendizagem.

O exemplo chega de onde deve: do líder que educa pelo diálogo, pela presença física e psicológica e pelo contínuo conviver com a problemática do educando.

Residindo na Mansão desde jovem, pôde senti-la e também perceber o pulsar da Instituição, determinar-lhe o ritmo de trabalho e, mais do que isso, com o seu carisma, impulsionar os seus colaboradores a novas iniciativas e à atualização contínua dos serviços lá instalados, sempre em prol da educação do homem integral. Suas horas de sono, apenas quatro por noite, são diminuídas disciplinarmente para que possa atender o volumoso número de consultas a ele encaminhadas que, totalizando, chegam ao significativo número de 2.384 e são oriundas de várias partes do mundo. A sua pena está sempre no papel que será o livro de amanhã ou a carta que orienta, estimula e consola, e transmite a força necessária para prosseguir, ou poderá ser o documento que

vai proporcionar o crescimento do movimento espírita no Brasil e em várias partes do mundo.

Quando, por solicitação do deputado Wilson Falcão e do Senador Heitor Dias, Divaldo foi convidado a comparecer à C.P.I. do Menor, na Câmara Federal, em Brasília, que investigava o problema do menor no Brasil, a fim de levar sua contribuição como insigne educador, impressionou a casa com o seu pronunciamento, demonstrando a excelência de sua obra e o conhecimento atualizado da problemática em pauta de análise.

Caracteriza-se pela sua simplicidade que pode ser captada quando, sorridente, caminha pelas arborizadas ruas da Mansão com as crianças, a acariciá-las como a dizer a cada um daqueles corações que se abrem para ele em alegria: “Tu és luz e à luz voltarás”. A sua humildade o guia no sentido de saber, de cada um dos seus colaboradores, o que é realmente necessário modificar, ampliar e evoluir, e a discutir com eles a solução.

Em 20 de abril de 1998, no seu arquivo, já havia o registro de 23.950 documentos oficiais, ofícios, cartas e cartões recebidos e, de 61 países de todos os continentes, estavam registrados correspondentes que lhe solicitaram orientação.

A sua palavra e a sua pena estão prontas para lutar pela humanização da sociedade e se propõem não só a difundir as idéias construtivas que combatem, com a Terapia do Amor, o egoísmo, a injustiça, a violência, a irresponsabilidade, como também a disseminar os valores que consubstanciam a educação que se espera venha a amenizar o sofrimento humano.

Inseriu-se na **Global Education** no momento em

que desencadeou um movimento comunitário, “Você é a PAZ”, em dezembro último, combatendo a violência e propugnando a paz interior, congregando em Salvador, na Praça do Campo Grande, 4.000 pessoas.

Em viagens, que são constantes – 230 dias por ano, já tendo percorrido 52 países –, o seu interesse se concentra no trabalho evangelizador de fundar núcleos de estudos e centros espíritas.

Dentro da educação informal, a sua ação, portanto, é tão extensa quanto intensa, no tempo e no espaço pois atua seja no pequenino município brasileiro, seja nas grandes capitais do mundo ocidental e oriental, como Paris, Londres, Roma, Havaí, Tóquio, Singapura, Malásia, abrangendo todos os continentes.

A temática de suas conferências, **workshops**, seminários, mesas-redondas, palestras, entrevistas abrange um leque amplo que vai do simples comentário do fato corriqueiro e cotidiano, para torná-lo educativo, até os mais complexos assuntos da filosofia, da ciência hodierna, dentro do enfoque psicossocial e da filosófica concepção espiritualista genericamente falando.

Ao falar na Sorbonne, o fez na cadeira de Sociologia, e ao receber, no Canadá, o título de Dr. **Honoris Causa** em Humanidades pelo **Science Spiritual of Fellowship of Canada**, reconhecido pela ONU, surpreendeu-se com tão excelsas honras.

Sua palavra está a serviço das concepções filosóficas na linha de Platão, Kant e Bergson, que Kardec e Léon Denis sustentaram. É, pois, uma filosofia evolucionista monista e procura responder não só ao problema gnoseológico, mas também

e principalmente ao ontológico, cosmológico, teológico e ético que são as grandes questões transcendentais sobre as quais se debruça Divaldo Franco para esclarecer e conscientizar o significativo número de questionadores que o convidam para proferir palestras e conferências, participar de seminários, mesas-redondas, **workshops** e entrevistas sobre os mais complexos conflitos da atualidade tais como transplantes de órgãos, existências de U.F.Os., significado da AIDS, Espírito e matéria, o destino da Alma Humana, a Vida além da Vida, a clonagem e sua repercussão, o futuro da humanidade e o problema da violência e do suicídio na infância. Seu pensamento está contido em seus 156 livros (com 5 milhões de exemplares), em suas palestras e conferências (cerca de 9.000) e, sobretudo, em suas entrevistas nos meios de comunicação nacionais e internacionais.

Quando interrogado sobre os problemas mais palpitantes da atualidade, jamais tergiversa, demonstrando então a firmeza da sua convicção que está sustentada numa concepção evolucionista que acompanha a ciência hodierna.

Adotando a concepção filosófica de Kardec e seus seguidores, o seu pensamento segue a linha aberta e sua estrutura é dinâmica, sem ossatura dogmática, como diz bem Herculano Pires¹¹: ela é constituída de princípios de razão e não postulados de fé e, por isso mesmo, flexíveis. Abraça uma filosofia espírita da Existência. Nem o existencialismo de Kierkegard, de Heidegger, nem de Sartre ou Jaspers, nem mesmo o de Gabriel Marcel de La Senne, mas coloca-se contra o hedonismo materialista ou existencialista e o absenteísmo religioso ou místico, postulando a

¹¹ PIRES, Herculano J. *Introdução à Filosofia Espírita*. São Paulo: Paidéia, 1983.

obediência às leis naturais, o respeito à existência e seus fins. A essência é a realidade última, mas só através da existência conseguimos atingi-la; existindo, portanto, um monismo fundamental e declarado.

Vivemos na existência, evoluímos através das existências sucessivas, vemos todas as coisas na perspectiva existencial, mas buscamos em tudo a sua essência, pois sabemos que somente nela iremos encontrar o real.

Com Teilhard de Chardin, não aceita que nenhum ser fique excluído da ordem divina. E Deus, como Ser, é **Essência** que se projeta como existência no mundo fenomênico.

Sendo Evolucionista, acredita que o homem chegará a compreender Deus em maior amplitude e profundidade, na proporção em que desenvolver as suas potencialidades espirituais. Mais uma vez, a Lei da Evolução domina o seu pensar.

Procura tornar evidente o que é, para Kardec como para seu mestre Pestalozzi, a religião verdadeira, que é a moralidade como sendo aquela que leva o homem não à santidade convencional, mas à sua realização como Ser moral. E está perto de Kant: Age de tal maneira, dizia o filósofo de Koenisberg, que seus atos possam ser seguidos por toda a humanidade.

Desenvolve, pois, Divaldo como Kant uma moral autônoma, mostrando enfaticamente os efeitos anti-éticos de uma moral heterônoma. Dentro desta concepção filosófica, os temas dos seus livros não apenas tocam mas aprofundam, sob vários ângulos, a problemática do homem, em face da Fé, da Vida e da Morte, do Amor, da Felicidade, da PAZ, da Consciência de Deus, do Autoconhecimento, da Reencarnação, da Imortalidade da Alma,

que recebem, às vezes, títulos poéticos e sugestivos, tais como: **Sol da Esperança, Quando voltar a primavera.** Outras vezes, títulos densos e corajosos, em torno da bioética, do avanço da tecnologia, que sua palavra torna viva e flamejante, e os princípios definidos pela trilogia espírita – Ciência, Filosofia e Religião. A sua palavra escrita está difundida em mais de uma centena de livros traduzidos em inglês, francês, alemão, albanês, esperanto, castelhano, italiano, húngaro, polonês, sueco, turco e checo. Para que esteja ao alcance do deficiente visual, também em Braille.

Talvez estejais a perguntar: – um místico na Academia? Ouçamos o grande Jorge Luís Borges¹² a quem todos nós reverenciamos:

“Por que os filósofos ocidentais como o grande Wittgenstein acabam falando das possibilidades do místico ou do divino depois de todo o circuito cumprido pela razão ao longo dos séculos?

“Quando se pratica exclusivamente a razão, chega-se a ser cético dela”.

Sabe que as interrogações sobre seus livros se derramam sobre sua personalidade, que deu título ao livro do nosso querido jornalista Fernando Pinto: **Divaldo, medium ou gênio?** Sabe que as dúvidas sobre suas idéias pairam no ar, mas tem certeza de que sua obra educacional é respeitada, admirada, sem restrições.

Tratando da vida após a vida, da psicologia da morte, do encontro da Ciência com as concepções espiritualistas, vai até onde Maeterlinck atingiu, afirmando com ele que “os mortos

¹² BORGES, Jorge Luiz. **Um diálogo.** Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p.71.

são vivos que não vemos mais”. Só que, sendo um paranormal, ele os vê.

Percebeu com profundidade, por isso mesmo, a sutileza da resposta de Krisnamurti quando lhe indagaram: – Mestre, por que ensina? – Por que as flores florescem? respondeu interrogando.

Ao usar a palavra como instrumento básico para conscientizar, esclarecer e transmitir as teorias de Kardec, que se consubstanciaram na doutrina espírita, ele o faz com invejável beleza. E, ao falar, lida com símbolos e com a racionalidade da filosofia, de mãos dadas com a espiritualidade. Acredita, como Chopra, que é um equívoco pensar que o caminho da espiritualidade seja oposto ao da racionalidade. A racionalidade tem apenas uma estrutura mais ampla na qual a espiritualidade se encaixa como uma peça entre muitas.

Divaldo, como o grande Rubem Dario disse de São Francisco de Assis, “opôs-se com quantas energias teve, à poesia mundana do exibicionismo, dos caprichos, da dissipação e do luxo”. Percebe-se a sua simplicidade porque é um dos que compõem o exército de Madre Tereza de Calcutá. Ao fazer o seu diálogo interno, a pergunta que coloca para si mesmo não é: – O que eu ganho com tudo isto? mas a outra: – Como posso ajudar tudo isto? Pergunta que vai além do ego.

Como Charles Peguy, “jamais deixou de exigir de si o seu máximo e o seu ótimo”. Quantas vezes, ao voltar de viagens cansativas, de dezenas de horas de vôo, ainda está pronto a fazer a sua palestra costumeira, para a qual pessoas o esperam, ansiosas por ouvi-lo, e se amontoam num auditório de 800 pessoas.

No entanto, sempre soube que as homenagens fortificam a sua obra, que precisa se reafirmar no contexto sociocultural em que está inserida. E elas chegam em forma de placas douradas, prateadas e de bronze, medalhas, troféus, pergaminhos, moções de congratulações, diplomas, títulos de Cidadão Honorífico, Benemérito, vindos das mais variadas organizações, das mais diversas partes do mundo, que constituem o Acervo Técnico da Mansão do Caminho, que se situa num prédio, para cuja construção colaborou o Banco do Brasil.

Ao falar, exprime, às vezes, uma realidade etérea, permeada de romantismo e magia, que combate o desumano e o anti-ético e que nos leva a um reinado imaginário de muita luz e instigante paz. Dessa paz de que é feita a sua estrutura psicológica e dessa paz que Jesus doou ao mundo.

Sabe, ao falar, como o grande Sathya Sai Baba, a quem visitou na Índia, que “aquilo que a cabeça pensa deve ser criticamente analisado pelo coração para poder sair pelas mãos”.

Sem dúvida, é um terapeuta como os terapeutas de Alexandria. Ele “cuida do outro pela oração e isto não deixa de ter ligação com a reorientação do desejo, já que rezar é estar religado à Fonte do Real, recentrar-se nele”¹³. E um terapeuta é uma pessoa de quem se supõe, mais do que qualquer outro, que saiba escutar. Podemos encontrá-lo sempre na “escuta”, após as suas conferências, em Pau da Lima, de ouvido atento e coração aberto, na função de terapeuta, como o grande Filon de Alexandria

¹³ LÉLOUP, Jean-Ives. **Cuidar do ser: Filon e os terapeutas de Alexandria**. Petrópolis: Vozes. 1998. p.94.

¹⁴ MONDOLFO, Rodolfo. **El pensamiento antiguo**. Bueno Aires: Editorial Losada, 1942. p.167.

entendia ser a verdadeira terapia, para conscientizar dezenas de pessoas que lhe solicitam orientação e conselho.

Em Pau da Lima, essa escuta segue noite adentro, atravessa a sua “racionalidade diurna”, permitindo-lhe instruções e **insights** que estão além das suas faculdades lógicas. Escutar é ser capaz de sofrer as alegrias e as penas do outro, na busca da empatia, numa atitude menos científica e mais experimental, pressupõe uma abertura de ordem verdadeiramente ontológica.

Grande parte de suas noites ele as passa a escutar o outro, estando disponível, atento e lúcido para captá-lo em seus fantasmas e suas angústias. E, para isso, aperfeiçoa, cada vez mais, a sua humildade, para o “sair de si mesmo”, criar um vazio dentro de si, para estar disponível para o Outro, sem a cabeça cheia de teorias preconceituosas. Esta, a sua grande tarefa de Educador, que inseriu o Amor na sua concepção terapêutica. Seu **workshop** sobre **Amor, Imbatível Amor** atraiu mais de mil pessoas a Pau da Lima.

Foi este amor que levou um dos mais sábios homens do planeta, Sócrates, a declarar: “De todas estas belas e felizes Ciências, eu nada sei, embora queira saber, mas de amor eu sei. **Nesta ciência sou o mais profundo dos homens do nosso tempo**”¹⁴. E sabia o suficiente para atravessar 26 séculos ensinando, à humanidade, humildade e grandeza de caráter, somente através da palavra e da velocidade do seu amor.

Este modelador comportamento ainda é seguido pelo nosso homenageado de hoje. Como Orientador Espiritual que é, realiza o seu Mestre interior e que induz a todo ser humano a despertar, através de sua palavra. Como Terapeuta, através da

reflexão e do estudo, pôde ultrapassar a fase do conhecer e se tornar um buscador, com real sede do infinito, a fim de lograr a auto-iluminação. Só, assim, pode o homem confiar nas indicações do seu próprio coração pois o que se deseja “jamais ultrapassará as fronteiras da justiça”¹⁵.

Das 3.809 pessoas que procuraram a Mansão do Caminho, em 1998, para receber orientação, através de um dos seus serviços que é o Atendimento Fraterno, 619 estiveram pessoalmente com Divaldo Franco nas noites em que permaneceu em Salvador, pois esteve 230 dias em viagens no Brasil e no exterior, a serviço do seu ideal espírita de conscientização, de educação espiritual, criando núcleos de centros espíritas em várias partes do mundo, na tarefa do semeador, esperando talvez, no seu íntimo, que a Mansão do Caminho, tenha efeito multiplicador, jogando pois a semente e a cultivando, para que frutifique através de suas viagens contínuas e exaustivas.

Oito corajosos jornalistas, advogados, escritores, já se debruçaram sobre sua vida e sua obra para biografá-lo. Os títulos dos livros publicados atestam o magnetismo de sua personalidade: **O Peregrino do Senhor, O Semeador de Estrelas, O Jovem que escolheu o Amor, A Mansão do Caminho, uma história de amor na educação**, que é um documentário de excelente nível, do jornalista de São Paulo, Washington Luiz Nogueira Fernandes. Todos conviveram, na Mansão, com Divaldo Franco e sentiram de perto a sua liderança, e o retratam como um homem simples, brincalhão, de uma firmeza doce, de “sorriso alegre

¹⁵ CRENA, Roberto. **Saúde e plenitude**; um caminho para o Ser. São Paulo: Summus, 1995. p.60.

e de olhos tristes”, na visão de um dos seus biógrafos, participativo, encorajador, generoso, sensível aos problemas humanos, um inato líder espiritual.

Professor Divaldo Franco:

A Academia, neste momento, vos abraça, estendendo para vós os seus dois braços: um deles é o seu braço racional, o da sua mente, que contempla a vossa intelectualidade expressa no orador brilhante, acostumado a magnetizar as grandes platéias nas mais importantes cidades do mundo, o estudioso permanente dos temas transcendentais, o educador discípulo de Pestalozzi e Kardec, atualizado com as recentes pesquisas científicas de Hawking e de Groot.

Com o outro braço, que é o do seu coração, compreende a vossa opção de vida, a autêntica vocação de doador, a dedicação ao homem sofrido que vos pede ajuda e, sobretudo, a profunda religiosidade que vos torna o terapeuta que, neste momento, me faz lembrar Einstein quando bradou: “Eu quero conhecer Deus, o resto é detalhe”.

Estou absolutamente certa de que diríeis: “Eu quero amar profundamente Deus, o resto é detalhe”.

Senhores acadêmicos, meus senhores e minhas senhoras:

Este é o Educador do Ano de 1997 que a Academia Baiana de Educação consagra nesta noite outonal de maio.

Resta-me, neste momento, e lhes peço licença para tal, seguir o exemplo de García Lorca, ao apresentar, na década de 30, Pablo Neruda à Universidade de Madri, este que seria, em 1971, o terceiro escritor latino-americano a obter o Prêmio Nobel

da Literatura¹⁶: “Digo-vos que vos prepareis para ouvir um homem autêntico de sentidos adestrados para um mundo que não é o nosso e que pouca gente percebe. Um homem verdadeiro mais perto da morte que da filosofia; da dor, que da inteligência; mais próximo do sangue que da tinta (...); de um homem verdadeiro que já sabe que o junco e a andorinha são mais eternos que a face dura da estátua”.

Professor Divaldo Franco:

Este abraço espiritual que vos trago em nome da Academia Baiana de Educação, que tem a força do Amor, peço que o transmuteis, pela vossa fé, numa Oração, que eu não ousaria pronunciar.

¹⁶ Apud Romualdo, Geraldo. A noite do Condor - Pablo Neruda. **O Cruzeiro**, 10 out. 1973.

2

DISCURSO DO PROF. DIVALDO FRANCO

Cícero teve oportunidade de dizer que a História é a pedra de toque que desgasta o erro e faz brilhar a verdade. Quando fomos honrado com a elevada distinção que nos foi concedida pela digna Academia Baiana de Educação, conferindo-nos o título de Educador do Ano de 1997, pelo transcurso do 50º aniversário da instituição “Centro Espírita Caminho da Redenção”, fomos tomado de uma grande surpresa. A generosidade da nobre acadêmica, Profª Leda Jesuíno dos Santos, e dos seus pares, os nobres acadêmicos dessa Entidade que honra a comunidade baiana e brasileira, chegava até nós como um prêmio que reconhecemos não merecer. E nossa vida, destituída de atavios, e dedicada ao ministério do serviço, por amor a Jesus Cristo, jamais aguardou qualquer compensação ou reconhecimento, porquanto o prazer de servir e a honra de amar são-nos as diretrizes de segurança.

No momento em que nós recebíamos a notificação, deixamos que o pensamento voasse até os dias já recuados da nossa infância e encontramos a figura inolvidável da professora primária que nos havia dado os primeiros passos na arte e na ciência do conhecimento. A professora Antônia Barreto volta à tela da imaginação como sendo a real merecedora da homenagem que a Academia Baiana de Educação me encaminhava, num gesto de nobreza e de abnegação.

E, logo depois, deixei-me arrastar pelas evocações da grande saga da Educação, lembrando-me que, em Atenas, na época em que Licurgo fascinava o Areópago, foi convidado oportunamente para entretecer considerações sobre a Educação, que já preocupava os atenienses. E o notável orador, para surpresa geral, solicitou àqueles que o convidavam, que lhe concedessem um prazo de três meses para que ele pudesse preparar um discurso. Naturalmente, essa proposta de Licurgo causou uma certa espécie, se não um desencanto, já que, para ele, qualquer tema a ser abordado, além de fácil e encantador, era sempre enriquecido do seu pensamento filosófico, da sua alma de esteta, da sua realidade de poeta. Não havendo outra alternativa, foi-lhe concedido o prazo solicitado e, no dia adrede determinado, Licurgo compareceu ao verdadeiro santuário que era o Areópago, acompanhado por alguns servos que traziam em pequenas jaulas alguns animais.

Um deles carregava, em ambas as mãos, duas jaulas pequeninas, contendo duas lebres. Dois outros, cada qual trazia um mastim e acercaram-se do proscênio, de onde o orador, à tribuna de honra, deveria apresentar o tema de importância sobre Educação. Ao sinal convencionado, um dos servos abriu a pequena jaula e uma lebre assustada começou a correr, enquanto Licurgo, olhando um daqueles que trazia a jaula com um dos mastins, deu o sinal, e, aberta a porta, o cão feroz atirou-se sobre a lebre despedaçando-a, para constrangimento do auditório que repletava a sala grandiosa, que sempre apresentava os grandes problemas de Atenas.

De imediato, foi retirado o cadáver da pequena lebre, aprisionado o cão e recomposta a cena. Passado aquele

momento desagradável para o grande público, Licurgo deu o segundo sinal e a segunda jaula foi aberta, e outra lebre saiu a correr. As pessoas ficaram ansiosas, na expectativa de uma nova tragédia, quando ele sinalizou, para o outro servo, que abrisse a jaula com o segundo mastim. Qual não foi, porém, a surpresa quando o cão, acercando-se da pequenina lebre, pôs-se a brincar com ela, a dar-lhe leves patadas, a correr, e esta, envolvendo-o naquilo que seria um ato de ternura, continuou apoiando-se ao animal expressivo, sem que nada acontecesse. As pessoas sorriram, tomadas de um espanto que certamente não haviam aguardado e, quando os dois animais foram recolhidos à solicitação do orador, este voltou-se para o público e deu uma explicação muito simples: – “A diferença entre o primeiro e o segundo mastim foi a da educação. As duas lebres nasceram no mesmo dia, os dois mastins, igualmente, sendo que, o último, eu eduquei, e o outro, eu deixei-o entregue aos seus instintos primários. Educar – disse, então, Licurgo – é criar hábitos considerados saudáveis. Educar é desenvolver as aptidões inatas da criatura que, estando adormecidas, devem dirigir-se para o bem geral. Educar é preparar o indivíduo para realizações nobilitantes”.

E o seu discurso memorável no Areópago seria, talvez, uma base para o pensamento educacional dos gregos.

Se recuamos ainda na História – pensei naquela oportunidade –, segundo o pensamento de Cícero, ver-se-ia que os pródromos da educação no Oriente estavam na repetição dos textos sagrados, seja do **Vedanta**, da evocação do **Baghavad Gita**, ou dos **Upanishads**, da intimidade dos santuários da Índia; ou, talvez, diante das figuras carismáticas dos **rishis** e dos hierofantes;

nos santuários grandiosos do Egito, em Tebas e Alexandria, nas cidades famosas onde o pensamento da divindade parecia fluir através da inspiração daqueles encarregados de comunicações com os deuses.

Passando para o Ocidente, as mais remotas pesquisas na área da Educação convencional estão na cidade de Creta, sete séculos antes de Jesus, procurando preparar o cidadão, sob a luz do Estado, para o desenvolvimento das atividades que deve cada um deles exercer no inter-relacionamento pessoal, no clima social. Mais tarde, Atenas compreende que a Educação é a base essencial do Estado e estabelece uma doutrina que prepara as crianças, nas quais estão os pés do futuro, para que se tornem cidadãos inspirados pelos deuses. Esparta, devorada pelo senso belicoso, entregou a sua educação às nutrizas, principalmente às mães, que recebiam carinho especial, para que pudessem procriar soldados, de que tanta necessidade tinha.

A Educação passa, mais tarde, a Roma, por ocasião dos séculos III e II antes de Jesus. Exatamente quando floresce a célebre Escola de Alexandria, a Biblioteca dos Ptolomeus, o Museu, que teriam as mesmas características, hoje, das nossas Universidades – o seu **campus**, a sua biblioteca, as várias salas de estudo, de exercício, as salas para banhos. E a qual, na época em que o Bispo vai levá-la à incineração, por volta de 390, contava com 400.000 volumes, ensinando e criando, nas criaturas, o ideal de bem servir e de melhor construir uma sociedade feliz. Novamente refeita, ela voltará a ser destruída pela intolerância religiosa dos maometanos, por volta de 640, porque um dos maiores adversários da cultura, do bem-estar e, por extensão, da

educação, há sido sempre o fanatismo, sob qualquer aspecto que se apresente.

A Educação em Roma, então, pelos séculos III e II antes de Jesus, já ensaiava os seus passos para criar uma mentalidade que pudesse servir ao povo e que pudesse servir à humanidade, que Roma lentamente ia absorvendo. Foi no período de Adriano que a Educação passou a pertencer, essencialmente, ao Estado, quando este apresentou as suas primeiras escolas públicas e a Educação vem desempenhar um papel fundamental na construção de uma criatura que se liberta da ignorância profunda para poder ensaiar passos na direção de uma vida feliz.

Mas, nesse ínterim, a humanidade conhece Jesus. Recordava-me, no instante em que havia recebido a comunicação de que fora homenageado com o título de Educador do Ano de 1997, que Jesus, dialogando com os discípulos, certa feita recebeu a visita de um jovem que lhe disse: – “Bom Mestre, que é necessário fazer para entrar no Reino dos Céus?” Ao que Ele redargüiu: “A ninguém chameis de bom, porque bom somente é o Pai; Mestre, sim, porque Eu o sou”. O grande Paradigma da humanidade, Jesus, a quem Ernesto Renan considera a personagem mais notável de todos os tempos, porquanto foi Ele o único que dividiu a História – o seu berço representa o encerrar de um ciclo para o amanhecer de uma Nova Era –, esse Educador tomou da Natureza como sendo o lugar ideal para sua Cátedra e, utilizando-se das imagens mais simples – as redes de pescar, um grão de mostarda, as aves dos céus e as pérolas do mar –, compôs o mais extraordinário Hino de Educação de que a humanidade tem notícia. E, quando na Montanha, abriu os seus braços e cantou a Epopéia das Bem-

aventuras, os historiadores são unânimes em reconhecer que este é o mais extraordinário ensinamento de Amor que o mundo jamais pôde sentir, na homenagem grandiosa da exaltação do Bem.

Mas, partindo Jesus da Terra, a sua doutrina irá renascer numa obra de educação fascinante que é a Escola dos Neoplatônicos de Alexandria, quando homens extraordinários, estimulados por Amônio Sacas, no ano de 170, resolvem abrir em Alexandria uma Escola que irá competir com o pensamento grego, e, ali, personalidades ilustres vão erguer a Patrística: Orígenes, que oferece à humanidade a doutrina dos princípios; Tertuliano, com a sua Apologética; o pensamento admirável de Santo Agostinho, nas **Confissões** e na **Cidade de Deus**; Jâmblico, Proclo, Eusébio e tantos homens notáveis que estabeleceram as bases de um ideal neoplatonista, firmados no ensinamento do amor e na proposta grandiosa da informação socrática. Sobrevivendo até, aproximadamente, o século IV e meio, a Escola Neoplatônica de Alexandria cerra suas portas e a humanidade adentra-se pela noite medieval.

A Educação passa a ser serva dos interesses dos totalitários, que preparam a nobreza para poder governar e que levam, àqueles que vão ser os escravos, a noção de subalternidade, de inferioridade, de condição de ser menos expressivo do que uma animália de carga. Por ocasião do feudalismo, a proposta da Educação é ainda dos senhores, através da subserviência dos servos. O pensamento de Jesus está encarcerado no dogmatismo, a doutrina da Religião estabelece as bases da Educação, e o pensamento catedrático rege os destinos da humanidade. O latim é a língua oficial do pensamento educacional, mas, à medida que

os séculos avançam e o progresso é inestancável, a Igreja e os clérigos compreendem, a partir do ano 1000, a necessidade de elastecer o seu pensamento educacional, já que os movimentos particulares abriam as perspectivas das futuras Universidades, sem que fosse possível manter, sob o tacão da soberania da ignorância, a humanidade, a serviço das paixões humanas.

A Igreja abre novas perspectivas e educadores admiráveis entre os próprios clérigos ampliam a grade do ensino, facilitando uma visão mais ampla do pensamento universal. À medida que esse pensamento avança – recordava-me –, chegam os dias gloriosos dos séculos XV, ao apagar as suas luzes, e do amanhecer do XVI. A expansão dos horizontes da Terra, a Escola de Sagres, a viagem de circunavegação, a descoberta da América por Colombo e a do Brasil por Cabral, e a humanidade jamais será a mesma, particularmente quando Nicolau Copérnico apresenta o seu livro **De Revolutionibus Orbium Celestium**, apresentando horizontes dantes jamais imagináveis, destruindo a tradição ptolomaica para apresentar a visão heliocêntrica do nosso sistema e a grandiosidade do Cosmo, cujas estrelas não tinham apenas a finalidade de iluminar as noites terrestres.

A Educação, que ainda estava encarcerada, agora parece explodir com a proposta de Lutero que, fascinado pela maneira de educar, tenta criar uma nova mentalidade, mas cai no mesmo erro ancestral. A Contra-Reforma, o Renascimento italiano alargam os horizontes do mundo, e os novos educadores apresentam a técnica da educação verbalista, que será duramente criticada por Montaigne, logo depois, que sente a necessidade da transformação do homem e de novos programas educacionais para

a humanidade. Observaremos que, nesse momento, a palavra Educação é idéia considerada em linhas secundárias até aparecer o pensamento admirável de João Amos Cornelius, o tcheco-eslovaco que apresenta uma proposta dignificadora da Educação, promovendo o jovem, o educando em geral, o que vai ajudar Locke, em uma visão muito grande, para dignificar o educando, libertando-o das amarras convencionais.

Entra o momento admirável em que Jean-Jacques Rousseau apresenta o seu **Do Contrato Social**, o seu **Emílio** e propõe a Educação em contacto com a Natureza. Alargam-se os horizontes da Educação e a proposta de Rousseau, extraordinária, deverá servir de base para uma Nova Era, embora o eminente filósofo da Revolução Francesa, um dos Pais da Enciclopédia, não tenha deixado de ser apenas educador teórico, porquanto seus filhos, ele os encaminhou a um orfanato, o que é profundamente lamentável.

Mas, nesse momento – ainda recordávamos –, após a proposta do **Emílio**, do **Contrato Social**, a Educação se faz mais larga, e o pensamento filosófico liberta-se das velhas tradições, as dúvidas a respeito de Deus, a necessidade de um Deus Razão. Logo depois, na Catedral de Notre Dame, no dia 23 de outubro de 1793, Pierre Gaspar Chaumette terá ocasião de gritar: “Ciência e Razão, eis os meus deuses! A França que sabe pensar, não necessita de Deus”, enquanto um simulacro de procissão, carregando a bailarina Candeille, do Teatro da Ópera de Paris, faz o contorno da igreja gótica gloriosa, dizendo que esta é a nova Deusa Razão, que irá governar os destinos da França e, por extensão, os destinos da Humanidade.

Raia o século XIX e, nessa oportunidade em que Paris se torna a “Cidade Luz”, o pensamento agiganta-se e homens e mulheres notáveis dedicam-se à obra da Educação, particularmente Henrique Pestalozzi, em Iverdun. O eminente pedagogo compreende que educar é criar hábitos saudáveis. Ele percebe, através da psicologia empírica, que a criança não é um adulto em miniatura. A formação cerebral encarrega-se de captar o ensinamento à medida que haja um desenvolvimento psicológico. Ele se dá conta de que o conhecimento não entra na razão direta que sai o sangue e inaugura a sua Escola de Iverdun que serve de modelo para os dois continentes – o europeu e o americano. O trabalho extraordinário de Pestalozzi fascina a alma da França, e, da cidade de Lion, a família Rivail leva o seu menino, Hippolyte Léon Denizard Rivail, para estudar com o insigne mestre, para com ele beber, nas fontes da Educação de uma Escola nova, as bases da verdadeira felicidade.

A Educação prossegue e vemos o Século XIX enflorcer-se de líderes extraordinários da obra do pensamento educacional, particularmente quando a psicologia se liberta do formalismo filosófico e se torna um ramo da biologia, com o concurso extraordinário de Herbart, com a sua valiosa contribuição da Educação intuitiva, ainda apoiada no pensamento de Comenius; ou quando a colaboração marcante vem da Rússia, através do Behaviorismo, da visão admirável de Pavlov, com a sua proposta dos reflexos condicionados; ou através da colaboração de Makarenko; ou da grande colaboração de Maria Montessori; da Suíça, de Piaget; da América do Norte, de Carl Rogers; do Brasil, mais recentemente, de Anísio Teixeira, alargando os horizontes do pensamento educacional, para criar uma mentalidade saudável, recordava-me.

Recordava-me que Kilpatrick teve ocasião de dizer que “educar é preparar para a vida”, ao que John Dewey, o pedagogo americano, redargüiu: “Educar é dar vida”. Não apenas preparar o indivíduo para viver mas, sobretudo, dar-lhe vida, dar-lhe essa oportunidade de desenvolver os grandes sentimentos e encontrar a realização.

E, hoje, quando a Educação é a mola mestra das grandes Nações, infelizmente desdenhada em Nações do Terceiro Mundo, percebemos que esta saga extraordinária de homens valiosos e mulheres corajosas ainda não atingiu a sua plenitude porque aí estão as respostas dolorosas da violência, da agressividade, da toxicomania, da sexolatria, da vulgaridade, do despudor, da ausência de valores éticos; quando a Educação, que dignifica o indivíduo, é posta à margem, diante de todas as questões perturbadoras que atingem os sentidos, especialmente os instintos primários de que somos herdeiros.

Recordava-me e reconhecia não merecer o honroso título porque o nosso trabalho, praticamente anônimo nos arredores da cidade, convivendo com as faixas mais abandonadas da vida socioeconômica, não poderia merecer da nobre Academia Baiana de Educação um título que nos caracterizasse porque, ademais, éramos um grupo e o somos; ali estamos apenas como alguém que sonha e que marcha à frente, convidando outros educadores do amor e da fraternidade. Então, recordei-me, nobre acadêmica Prof^a Leda, nobres acadêmicos, de como tudo começara.

Fora uma visão psíquica. No mês de outubro de 1948, viajava com Nilson de Souza Pereira, entre Plataforma e Salvador, num antigo vagão da Ferrovia Leste-Brasileiro. E,

quando passávamos na área do Lobato, jovens ambos, eu fui acometido de um estranho torpor que, periodicamente, me sucedia e tive uma peculiar sensação que, por primeira vez, me apresentava um mundo panorâmico diferente do mundo objetivo.

Naquele lugar onde era a pedreira abandonada, eu me sentia presente diante de uma área arborizada, construída, movimentada por muitas crianças, e um homem de costas, já avançado em anos, brincava com elas. Nesse estado muito peculiar, acerquei-me daquele homem e, quando ele se voltou, eu escutei uma voz que estava a dizer-me: – “É o que farás da tua vida. Dedicar-te-ás à tarefa de Educação”.

Tomado de espanto, retornei ao mundo sensorial, ao mundo da consciência objetiva, e narrei ao Nilson esse fenômeno, que ignorava completamente, e ambos sorrimos, acreditando tratar-se de uma alucinação, de qualquer natureza, uma alucinação visual, um transtorno psicológico. Éramos praticante da mediunidade, mas não éramos espíritas. Ainda não havíamos tido a oportunidade de estudar a ciência espírita codificada por Allan Kardec. Ainda não havéramos penetrado nos meandros da sua filosofia nem nos deixado arrebatar pela sua proposta de religiosidade. Mas, narrando o fato a amigos, eis que eles acreditaram ser um fenômeno premonitório, derivado de um desdobramento da personalidade, de uma viagem astral como dizem os teosofistas, os esoteristas e também os espiritistas.

Assim, nasceria o que seria, mais tarde, a “Mansão do Caminho”, que primeiro esteve numa casa de três pisos à Rua Barão de Cotegipe, para que um dia, nos idos de 1955, um amigo nos dissesse **ipsis verbis**: –“Eu estava passeando pelos arredores

da cidade e vi aquela área da tua percepção psíquica”. Levado ao local, quando chegamos a uma fazenda velha, na antiga Estrada do Aeroporto, fomos acometido, por segunda vez, daquele mesmo fenômeno especial e vimos toda a área arborizada, várias construções, crianças a brincarem, adultos, uma azáfama, um movimento muito grande de veículos, a luminosidade das lâmpadas elétricas e, ao recobrar a serenidade, eu disse a Nilson: – “Que coisa curiosa, eu tenho a impressão de que me adentrei no futuro”. E, graças a esforços ingentes e a colaboração de amigos da Cidade de São Paulo, adquirimos a área em duas oportunidades, onde instalamos a Comunidade “Mansão do Caminho”.

Descreveu-a a nobre acadêmica, a Prof^{ra}. Leda Jesuíno dos Santos. Acreditamos construir um Santuário ao Amor, a verdadeira Escola, a Escola da Educação Integral, aquela a que se refere Allan Kardec em **O Livro dos Espíritos**, na Questão 586, letra A, uma Educação que não se restringe à transmissão de informes, que não tem apenas o caráter de instruir, mas, sobretudo, de criar hábitos saudáveis, que têm a ver com a realidade moral do educando, para que ele se possa precatar contra as ciladas da impiedade, da perversidade e dos desequilíbrios. Essa visão de Allan Kardec salta do ano de 1857 para a atualidade, na visão contemporânea da proposta da Educação apresentada pela UNESCO.

Então, nobres acadêmicos, digna mesa que dirige os trabalhos, senhoras e senhores, voltamos à realidade e somente pudemos curvar-nos ante o gesto de nobreza e de bondade, aceitando essa deferência que, repito, reconheço não a merecer, para repartir com todos os amigos que mourejam na “Mansão do

Caminho”, construindo uma sociedade nova na qual acreditamos. A grande verdade é que nós acreditamos no homem e na mulher, acreditamos na criatura humana, pesem os 68 pontos de guerra detectados pela UNESCO neste momento. Apesar da tragédia de Kosovo, apesar da ferocidade de Serra Leoa, apesar de todos os crimes que ora nos aturdem, nós continuamos acreditando na criatura humana que, a pouco e pouco, se liberta dos atavismos, e saturando-se das paixões deste momento de libertinagem, confundido com os ideais de liberdade, fará sua viagem de volta aos ideais do Bem, aos ideais do Amor, aos ideais da Solidariedade.

Desejo agradecer, profundamente comovido, aos nobres membros que, na gestão passada, votaram para que fôssemos homenageado com este título. Gostaríamos de agradecer, profundamente, à nossa querida benfeitora, a acadêmica Prof^a Leda Jesuíno dos Santos, por uma homenagem que nos servirá de estímulo para levar adiante esse trabalho de educar, educando-me, de propor a Educação espiritual, trabalhando pela transformação moral do indivíduo à luz do Evangelho de Jesus, a peregrina Luz que, há dois mil anos, clareia a noite dos sentimentos humanos e aponta rumos de felicidades futuras.

Este é um momento muito grave da sociedade, todos o sabemos. Vivemos encarcerados em nossos lares, enquanto o crime vive a solta no meio das ruas. A cultura parece defasada, o conhecimento intelecto-moral vem sendo colocado à margem pelas distrações aberrantes da mídia, pela valorização do anti-ético, pela valorização dos paradoxos, da agressividade e do horror. Mas, os educadores, não nos devemos preocupar. Antes da madrugada, sempre há uma meia-noite, o clímax da sombra. Mas o primeiro

segundo depois dela já é amanhecer e amanhece dia novo. Nós, aqueles que acreditamos num mundo melhor, não nos deixemos desanimar ante as circunstâncias arbitrárias que nos aturdem. E é porfiando de mão dada, cada um oferecendo o seu melhor contributo, que iremos edificar uma sociedade melhor.

Senhor!

Que, neste momento de alegria,

Gostaria de dizer-Te:

Que eu amo a Vida

Que, para mim, é bela e é consentida.

Muito obrigado, Senhor,

Por tudo quanto me deste,

Por tudo quanto me dás.

Obrigado pelo ar, pelo pão, pela paz.

Obrigado pela beleza

Que os meus olhos vêem no altar da Natureza.

Olhos que fitam o céu, a terra e o mar,

Que acompanham a ave ligeira,

Que voa fagueira pelo céu de anil.

E se detém na terra verde, salpicada de flores,

Em tonalidades mil.

Muito obrigado, Senhor,

Porque eu posso ver meu amor,

Mas, diante da minha visão,

Eu detecto os cegos

Que se debatem na escuridão,

Que tropeçam na multidão,
Que choram na solidão.
Por eles, eu oro.
E a Ti imploro comiseração
Porque eu sei
Que, depois desta lida,
Na outra vida,
Eles também enxergarão.

Muito obrigado pelos ouvidos meus,
Que me foram dados por Deus;
Ouvidos que ouvem o tamborilar da chuva no
telheiro;

A melodia do vento nos ramos do salgueiro

E as lágrimas que vertem pelos olhos do mundo
inteiro.

Ouvidos que ouvem a música do povo,
Que desce do morro,
Na praça a cantar;
A melodia dos imortais,

Que a gente ouve uma vez

E não esquece nunca mais;
A voz melodiosa, canora, melancólica do
boiadeiro
E a dor que geme e que chora
No coração do mundo inteiro.
Pela minha faculdade de ouvir,
Pelos surdos, eu Te quero pedir.

Eu sei que, depois desta dor,
No teu Reino de Amor,
Eles voltarão a ouvir.

Obrigado pela minha voz,
E pela sua voz,
Pela voz que ama,
Que ensina,
Que alfabetiza,
Que declama,
Pela voz que canta,
Que legisla,
Que educa,
Pela voz que trauteia uma canção
E o Teu Nome profere com sentida emoção.
Diante da minha melodia,
Eu Te quero rogar pelos que sofrem
De afasia,
Os que não falam de noite,
Os que não cantam de dia.
Oro por eles.
Eu sei que, depois desta prova,
Na vida nova,
Eles também cantarão.

Obrigado pelas minhas mãos,
E pelas suas mãos,
Pelas mãos que semeiam,

Que agasalham,
Mãos do amor,
Mãos de ternura,
Que libertam da amargura,
Mãos de caridade
Que apertam mãos,
De solidariedade,
De poesias,
De cirurgias,
De sinfonias,
De psicografias;
Pelas mãos
Que atendem a velhice,
A dor, o desamor;
Pelas mãos
Que, no seio, embalam
O corpo do filho alheio,
Sem receio.

E pelos pés
Que me levam a andar,
Sem reclamar,
Muito obrigado, Senhor,
Porque eu posso caminhar.
Diante do meu corpo perfeito,
Eu Te quero louvar,
Porque eu vejo, na terra,
Aleijados,

Impossibilitados,
Atormentados,
Paralisados,
E eu posso bailar.
Oro por eles.
Eu sei que, depois desta expiação,
Na outra reencarnação,
Eles também bailarão.

Obrigado, por fim,
Pelo meu lar.
É tão maravilhoso ter um lar!
Não é importante
Se este lar é uma mansão,
Ou uma tapera,
Um ninho,
Um grabato de dor,
Um bangalô,
Uma casa no caminho,
Seja lá o que for.
Mas é importante
Que, dentro dele,
Exista a figura do amor:
O amor de mãe, ou de pai,
De mulher, ou de marido,
De filho, ou de irmão,
A presença de um amigo,
Alguém que nos dê a mão,

Pelo menos, a companhia de um cão,
Porque e muito triste
Viver na solidão.

Mas, se eu a ninguém tiver
Para me amar,
Nem um teto para me agasalhar,
Ou uma cama para me deitar,
Nem aí reclamarei,
Nem blasfemarei,
Pelo contrário, Te direi:
Obrigado, Senhor,
Porque eu nasci.
Muito obrigado,
Porque creio em Ti.
Pelo Teu Amor,
Obrigado, Senhor!

Pela sua atenção,

Muito obrigado, Senhores!

3

ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

CONCESSÃO DO TÍTULO

EDUCADOR DO ANO

1997

Proposta para ser titulado
Prof. Divaldo Pereira Franco

Ilmo. Sr. Dr. Jair Santos

DD. Presidente da Academia Baiana de Educação

Tendo a Academia Baiana de Educação concedido a dois eminentes educadores – O Dr. José Carlos Almeida e a Professora Zilma Parente de Barros- O honroso título de “Educador do Ano”, correspondente aos anos de 1995 e 1996, esperamos que a Academia dê continuidade as suas iniciativas anteriores.

Em face dessa expectativa, estamos apresentando a V.as., para as providências cabíveis, o nome do Professor Divaldo Pereira Franco para ser agraciado com o honroso título já concedido anteriormente – Educador do Ano”- referente ao ano de 1997.

A nossa proposta fundamenta-se nas considerações que, como justificativa, nos parecem consentâneas às finalidades da Academia e contemplam as preocupações que dominam o momento político-social em que nós estamos inseridos e, portanto, de que somos participantes.

Agradecendo, antecipadamente, a acolhida que possa ter a nossa proposta, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,

Leda Jesuíno dos Santos

Maria Augusta Cruz Abdon

Jorge Calmon

Olga Pereira Mettig

Germano Machado

Enock Souza

João Eurico Matta

Ieda Barradas Carneiro

Cícero Pessoa da Silva

“O processo deixa de ser solitário para ser solidário e a comunidade não se fortalece com a submissão, mas se fortalece com a capacitação”.

(III Conferência Interamericana de Educação Comunitária, Brasília, março de 1980; livro-documento publicado pelo Mec, p. 18)

A educação comunitária é, sem dúvida, no momento um dos mais significativos segmentos do fato educacional do mundo contemporâneo e, principalmente, em nosso país, inserido no terceiro mundo.

Aqueles que a abraçam com a seriedade que se impõe como imprescindível pré-requisito para a atuação neste campo de trabalho – o que, aliás, se apresenta ao educador com inúmeras dificuldades –, merecem receber sempre, e cada vez mais, o estímulo necessário para o fortalecimento de seus esforços e o reconhecimento dos órgãos envolvidos na problemática educacional do nosso país.

Os princípios básicos que a norteiam estão cada vez mais sendo firmados e reafirmados em documentos que têm sido reflexos da operacionalização dos ideais formulados pelos educadores.

Que “a educação comunitária é a ativação da Educação com um papel mais visível, mais prático, mais positivo, de forma a ajudar a comunidade a resolver seus problemas” é hoje um conceito universalmente aceito pelos que atuam na difícil área da educação

formal e informal e foi amplamente definido na III Conferência Internacional de Educação, em Melbourne, Austrália, e na III Conferência Interamericana em Belo Horizonte, realizadas em 1979 e 1980, respectivamente.

A forte interação com a comunidade, a compreensão da educação como um processo de construção que se faz à base de cooperação, a melhoria da qualidade de vida das pessoas e do meio em que vivem e convivem, a racionalização de recursos e esforços decorrentes das instalações e equipamentos das obras educacionais e das escolas, o aproveitamento do potencial comunitário são requisitos precípuos para implantação de qualquer programa de Educação comunitária.

A “Mansão do Caminho” é um marco significativo na comunidade de Pau da Lima. No enfoque pedagógico, pode ser considerada um complexo educacional bastante rico de atividades e iniciativas educacionais que passa pelo crivo mais rígido de qualquer educador consagrado.

Situada no bairro periférico chamado Pau da Lima, de grande densidade populacional, cerca de 25 quilômetros distante da área central de Salvador e bem próximo à penitenciária e ao aterro sanitário, a “Mansão do Caminho” ocupa uma área de 83 mil metros quadrados onde estão em plena atividade os mais variados serviços funcionando em 36 edificações, nas quais se instalam: uma Creche, Jardins de Infância, Escolas de Primeiro Grau, Bibliotecas, Museus, Escolas de Datilografia e de Auxiliar de Enfermagem, Oficinas de Sapataria, Padarias, Marcenaria, Costura e Tapeçaria, Livraria, o Instituto de Pesquisa Psíquica, os serviços de apoio – Lavanderia Geral, Cozinha Geral, Almoxarifado e a atividades como o Círculo

de Leitura Espírita, o grupo de Estudos Espírita Lis Morais, a Caravana Auta de Souza, atendendo às necessidades básicas da comunidade carente, e o Centro Médico J. Carneiro de Campos, por onde este ano passaram 10.586 pacientes, com 310 preventivos, pelo Pré-natal passaram 718 gestantes e 5.667 pessoas foram atendidas no setor de Enfermagem. No Setor de Nutrição, foram atendidas 3.146 pessoas. O Ambulatório Odontológico atendeu 2.548 pacientes e Laboratório de Análises Clínicas teve 14.353 atendimentos.

São 15 departamentos que interagem para operacionalizar a tão desejada integração saúde-educação com afeto, compreensão e amor, a qual se processa na “Mansão do Caminho”, permitindo atuar com administração de resultados, uma vez que as necessidades de que procuram a Instituição são atendidas dentro do mesmo espaço físico e em tempo hábil, pré-requisito essencial para evitar a evasão e dispersão de recursos humanos, materiais e financeiros.

Não sendo uma obra assistencialista por excelência e sim que desenvolve um trabalho técnico de Serviço Social, seu idealizador, Divaldo Franco, atingiu o tão sonhado equilíbrio entre o humanismo e a tecnologia, uma vez que seus técnicos são impregnados da filosofia espiritualista, cristã, espírita, sob a ótica da inabalável crença na imortalidade da alma como todo espiritualista, nos ensinamentos de Jesus, como todo cristão e na reencarnação, como todo espírita.

Ao trabalhar com Lares Substitutos sabia que dificilmente atingiria seus objetivos se não contasse com voluntários totalmente envolvidos na inabalável FÉ no que pode conseguir o AMOR, o

AFETO, na educação de crianças. E este foi o seu segredo. Os casais ou as pessoas que se dispuserem a assumir um lar com 6 a 8 crianças, vivendo na “Mansão” num esquema de Lar, eram voluntários, sem nenhum outro interesse senão servir. Assumir, naquele momento, um compromisso muito sério consigo mesmo, dentro de uma filosofia cristã-espírita, significou sempre um desafio que a FÉ e o AMOR enfrentaram.

Num ambiente ecológico rico de plantas e flores bem cuidadas e bem distribuídas a “Mansão do Caminho” é, sem dúvida, um recanto de Paz e Beleza que, também neste enfoque, se situa dentro das mais atuais recomendações pedagógicas. Recebendo a criança desde seu nascimento e educando-a até sua maioridade, integrando-a na força de trabalho ou encaminhando-a para uma escolaridade mais avançada, a “Mansão do Caminho” conseguiu até hoje atender 6 mil crianças e adolescentes. Respeitada e dignificada por vários governadores e prefeitos, e políticos, que lá estiveram e registraram seus depoimentos, significa hoje uma obra a qual a Bahia pode e deve reverenciar e que, por si só, garante a Divaldo Franco o título da educação na Bahia. Mas, como se não bastasse a sua obra edificante, seu talento de orador o leva à educação informal.

Fundamentada, portanto, nos princípios filosóficos que se consubstanciam no Cristianismo, a “Mansão do Caminho” pauta-se pelo ensinamento de Jesus, sob a ótica de Kardec, discípulo de Pestalozzi, o grande educador de reconhecido mérito universal. Deste modo, descende Divaldo Franco, filosoficamente em linha direta, do grande e inesquecível Pestalozzi. Como se não bastasse a sua obra, os serviços prestados à comunidade baiana,

apresenta-se no plano filosófico pedagógico com uma mente voltada para a área educacional, inteiramente plena de uma filosofia educacional reconhecidamente válida, aquela que enfatiza a formação do caráter, ativando a compreensão cada vez mais necessária dos valores humanos.

Como Pestalozzi e Kardec, seus mestres, não se limita a uma educação cognitiva.

Ao optar pela educação através do sistema de Lares Substitutos, optou também por uma posição definida: a importância do afetivo como o efetivo, princípio que fundamenta a tão atual Educação Emocional. Talvez, por essa posição filosófica e pedagógica, tenha conseguido ser a sua obra reconhecida como uma das ONG'S mais importantes no panorama sócio-educacional da Bahia.

Mas, pela educação informal, através de conferências, palestras, seminários, Workshops, vivências e publicação de livros, foi além da Bahia e se projetou no cenário nacional após ter atuado em três continentes alcançando, assim, o mundo ocidental. E o fez através da sua presença física, pois foram muitos os países em que tem estado para educar pela conscientização, através do desenvolvimento de um raciocínio lógico.

E, como não poderia deixar de ser, ele o faz usando do Seu indiscutível talento de orador que domina com tranquilidade qualquer tipo de auditório. E, pela sua palavra, mais do que transmite, desperta o ouvido para o quadro mental do seu descortino intelectual que está vinculado filosoficamente às teorias evolucionistas dentro de uma posição monista, pois sua cosmovisão é global. Segue Kardec e sustenta que o homem chegará a compreender Deus em maior amplitude e profundidade, na

proporção em que desenvolve as suas potencialidades espirituais. E, como Kant e Pestalozzi, dentro da filosofia espírita*, “aceita com tranqüilidade que a religião verdadeira é a da moralidade, a que leva o homem, não à santidade convencional, mas a sua realização como ser moral”.

Todo seu esforço na educação informal tem sido no sentido de introjetar os valores éticos e transcendentais. Ao atuar na “Mansão do Caminho”, dentro do sistema formal, segue B. Schwartz e Edgar Faure, nas suas incursões à educação informal: ...

....recusamos circunscrever a educação ao sistema de ensino (*systeme educatif proprement dit*) e com mais forte razão ao sistema escolar (*systeme ^{educatif} proprement dit*)”*

(*) apud PIRES, Herculano J. Introdução Filosófica Espírita.

(*) SCWARTZ, Bertrand. A Educação do Amanhã.

Apoio



DIRETOR-FUNDADOR PROF^o JOSÉ AUGUSTO GUIMARÃES



Colégio
Francisco de Assis
DIREÇÃO PROF^a JULIETA FAHEL GUIMARÃES